

# As Metas da China para Comunidade com Futuro Compartilhado para a Humanidade

*The Intent of China Towards a Community with a Shared Future for Mankind*

**Marcos de Paiva Vieira**

Bacharelado em Ciências Econômicas e Mestrado em Teoria Econômica (ambos na Universidade de Brasília). Pesquisador, Professor e Consultor em Planejamento Estratégico, Comércio Exterior e Relações Internacionais. <https://orcid.org/0009-0008-2792-5229>

[\\_marcosdepaiva@hotmail.com](mailto:_marcosdepaiva@hotmail.com)

## Palavras-chave

Desinformação  
 Ética  
 Futuro global  
 Manipulação  
 Paradigma Oriental vs Ocidental

## Keywords

Fake news  
 Ethics  
 Global future  
 Manipulation  
 Oriental paradigm vs Western

## Resumo:

De modo diferente dos países ocidentais, a China deve ser identificada como um *Estado-Civilização* e não como um *Estado-Nação*. Esta e outras características especificam a unicidade da forma com que a realidade é vista no Oriente. O futuro global está intrinsecamente ligado à evolução da China, cuja visão é permeada por princípios e valores advindos de um paradigma diverso daquele que nordea o Ocidente. Ao apresentar tais diferenças, esse trabalho buscará correlacionar as bases para o entendimento das metas estabelecidas pelo planejamento Chinês em direção a uma *Comunidade com Futuro Compartilhado para a Humanidade* – CFCH, envolvendo dimensões econômicas, tecnológicas, sociais e do meio-ambiente, dentre outras, sob uma visão global unificada. O objetivo é propor um enfoque mais realista acerca do que a China aspira hoje e para o futuro, sem o viés das manipulações de imagem e desinformação promovidas atualmente na mídia social, enfatizando a essência ética da CFCH. A metodologia utilizada foi a pesquisa em fontes bibliográficas específicas, aliada às experiências vividas ao longo de décadas residindo e atuando profissionalmente naquele país. Considerações finais deverão apontar para as perspectivas futuras da viabilidade, ou não, de concretização das metas da CFCH.

## Abstract:

Differently from western countries, China must be identified as a Civilization-State and not as a Nation-State. These and other characteristics specify the unity through which reality is seen in the East. The global future is intrinsically linked to the evolution of China, whose vision is permeated by principles and values based on a paradigm that diverges from the one that guides the West. By presenting such differences, this work seeks to correlate the basis for understanding the goals established by the Chinese planning towards a Community with a Shared Future for Mankind – CSFM, involving economic, technological, social and environmental dimensions, among others, within a unified global vision. The objective is to propose a more realistic approach on what China aspires today and for the future, without the bias of the image manipulations and fake news currently promoted on social media, emphasizing the ethical essence of the CSFM. The methodology used was the research on specific bibliography, added to lived experience along decades residing and doing professional work in that country. Final considerations shall point to the future perspectives of feasibility, or not, of these goals to come true as objectives of the CSFM.

Artigo recebido em: 10.06.2025.

Aprovado para publicação em: 11.08.2025.

## INTRODUÇÃO

O primeiro passo a ser tomado quando se pretende examinar qualquer assunto relativo à China é adotar a postura que esse autor sugeria aos alunos no começo de cada aula, durante o período em que foi professor na

Guangdong University of Technology – GDUT: *Let's think outside the box!* O convite a se *pensar fora da caixinha* ainda serve para os leitores atuais, no intuito de se fazer um esforço genuíno de sair do *Pensamento Ocidental* típico e partir para o *Paradigma Oriental*. Cumpre abriremos a mente para uma nova forma de enxergar o outro lado do Planeta Terra, a exemplo do que disse um aluno, certa vez: “...a diferença entre você e eu é que eu penso o mundo como um círculo, e você pensa que é uma linha” (Nisbett, 2003).

Para entendermos a realidade atual e a perspectiva futura da influência da China na conjuntura global, iremos iniciar com uma tentativa de revisão dos conceitos ocidentais, em que comumente nos baseamos ao olhar para o Oriente, vis-a-vis seus correspondentes conforme o *Paradigma Oriental*, de forma objetiva.

Há que se libertar do viés imposto, de maneira contundente, pelas campanhas (ocidentais) na mídia social projetadas para denegrir a imagem da China. É lamentável como essas manipulações por meio de desinformação (*fake news*) desviam a percepção da realidade de maneira tóxica. Quando se consegue enxergar a realidade global do ponto de vista chinês, vislumbram-se hipóteses, pressupostos, valores e princípios que descortinam o porquê dos rumos que o desenvolvimento econômico e tecnológico está tomando. Por exemplo, verificar a diferença entre *Estado-Civilização* (China) e *Estados-Nação* (países da UE, EUA e demais países ocidentais) auxilia na indicação do caminho para tal entendimento (Jacques, 2012).

A partir dessa percepção mais ampla dos princípios básicos que regem a forma de pensar do oriental, este trabalho apresentará um dos conceitos principais que permeiam o planejamento Chinês de uma forma geral, com importantes repercussões globais, qual seja, a *Comunidade com Futuro Compartilhado para a Humanidade* – CFCH.

Praticamente todas as políticas adotadas pela China, desde 2013, se pautam por esse conceito, nas dimensões econômica, tecnológica, social, do meio-ambiente, das relações internacionais, dentre outras, sob uma visão unificada.

A ideia é elencar e comentar as principais metas traçadas, a partir da CFCH, na seção subsequente, na busca por um enfoque mais realista acerca do que a China aspira hoje e para o futuro, enfatizando sua essência ética. Pretende-se demonstrar a ausência do espírito imperialista por parte da China, e enfatizar a postura voltada para o multilateralismo, a governança global mais democrática, a sustentabilidade ecológica, o intercâmbio multicultural e a melhoria da cooperação pela segurança.

A metodologia utilizada foi a pesquisa em fontes bibliográficas específicas, aliada às experiências pessoais vividas ao longo de 39 anos atuando profissionalmente naquele país, sendo 14 deles residindo em Beijing e Guangzhou.

Nas considerações finais, pretende-se apontar as perspectivas futuras da viabilidade, ou não, de concretização das metas da CFCH a nível global, em função das dificuldades presentes (ano-base 2025) sendo impostas pela conjuntura internacional, mormente devido a governantes radicais atuando na direção contrária aos preceitos éticos de cooperação entre os povos.

O objetivo do presente trabalho não é suscitar discussões nem polêmicas no campo político, mas, sim, apresentar um esforço de esclarecer aspectos fundamentais para o entendimento de uma realidade diversa da que vivemos no Brasil, e no Ocidente em geral, mostrando que há alternativas mais positivas para a realidade futura da humanidade do que vem sendo preconizado pela desinformação e pelos detentores dos poderes econômico e político dos países já desenvolvidos, mesmo estando sua hegemonia em plena decadência. A História nos permite escolhas e, para tal, temos que nos manter alertas, lúcidos e com discernimento aguçado.

## DIFERENÇAS ENTRE PARADIGMAS OCIDENTAL X ORIENTAL

Porque *A Arte da Paz* em lugar de *A Arte da Guerra*? Segundo Philip Dunn, aparentemente, um dos tradutores do livro original de Sun-Tzu, pode ter se confundido com o som dos caracteres, *bing* (兵 guerra, arma, soldado) e *ping* (平 paz, liso, “sem marolas”) (Dunn, 2003)<sup>1</sup>. O uso dos ensinamentos que, originalmente, por hipótese, eram voltados à busca do equilíbrio e da harmonia, em lugar do conflito, leva a uma perspectiva errônea ao serem aplicados de maneira anti-ética, para manipulação e destruição, especialmente nos negócios, marketing, e diversas outras práticas do cotidiano, inclusive na vida pessoal. Esse exemplo demonstra que importa tentarmos olhar o pensamento oriental por um outro prisma.

O fato de haver predominância massiva da raça Han na China (95% da população), há milênios, leva ao sentimento de unidade agregador, não observado nos países ocidentais. Portanto, com base nesta milenar história, forma-se uma civilização, em vez de apenas uma nação, como é o usual deste lado do Planeta. Assim, o Estado constitui parte da família dos Chineses, e o governo é visto como o guardião, o patriarca protetor de cada uma das famílias. É, realmente, unânime a percepção que eles têm de que estão sendo cuidados e protegidos pelo governo, acarretando significativa legitimidade e autoridade moral na liderança do povo (Jacques, 2012).

O quadro 1 a seguir resume diferenças de algumas características do pensamento entre os paradigmas ocidental e oriental, para auxiliar na compreensão da realidade da China:

**Quadro 1.** Diferenças entre paradigmas ocidental x oriental

PARADIGMA	OCIDENTAL	ORIENTAL
Origem	Gregos	Lao-Tzu + Confúcio
Identidade, Foco	Individual, Liberdade	Coletiva, Harmonia
Visão de Mundo	Linear, Controle, Estabilidade	Ciclo, Mudança, Flexibilidade
Compreensão	Parcial, Estática	Todo, Ajuste Dinâmico
Lógica	Racional, Argumento	Contradição, Contexto
Conhecimento	Categorias, Substantivos	Relações, Verbos
Sucesso/Fracasso	Pessoal	Conceito de Grupo

Fonte: Elaborado pelo autor (adaptado de Nisbett, 2003).

Elaborando sobre as características no quadro acima, pode-se perceber que as diferenças entre os padrões de pensamento e comportamento do Ocidente (da UE, EUA e demais países das Américas) e Oriente (essencialmente China, Japão, Coreia e Sudeste Asiático) não são inatas, mas, sim, fruto de contextos históricos e culturais, conforme segue:

**1. Origem:** O pensamento ocidental se baseia nos Gregos, especialmente nas elaborações filosóficas de Sócrates, Platão e Aristóteles, do século IV a.C., e seus seguidores, em que prevalecia abstração e lógica formal. Há que se considerar, também, as contribuições dos filósofos chamados de pré-Socráticos, em que pese excepcionais do pensamento de Heráclito (Graham, 2023)<sup>2</sup>.

Na China antiga, no século VI a.C., Lao Tzu contribuiu para o movimento filosófico do Taoísmo, sendo seu livro mais conhecido o *Tao-Te-Ching* (Livro da Razão Suprema). Também no século VI a.C., Confúcio preconizou pensamentos (Confucionismo) que serviram de base para valores e princípios preponderantes na China até os dias de hoje, como moralidade pessoal e governamental, posturas éticas nas relações sociais, justiça e sinceridade, lealdade familiar, veneração dos ancestrais e respeito com os idosos.

2. **Identidade e Foco:** A partir da diversidade de culturas prevaiente na Grécia Antiga, em uma economia de base marítima (com comércio e pesca), foram amalgamados conceitos de individualismo e autonomia, impulsionados pelo debate. Portanto, o que consideramos prioritário em nosso cotidiano e pautando nossas atitudes e escolhas está fortemente ligado ao conceito de liberdade. Em geral, nos identificamos como agentes autônomos com foco em interesses pessoais, sob regras universais. Prevaecem, usualmente, o interesse individual e o anseio por ser livre, em todos os sentidos, no Ocidente.

De base agrícola, na antiguidade, na China dependia-se de irrigação coletiva para a sobrevivência que, aliada à governança centralizada, enfatizava a harmonia e a interdependência. Ao se conviver com os chineses, atualmente, percebe-se claramente que a prioridade é a harmonia social, sobrepondo-se à necessidade de liberdade individual, justamente por se partir de uma mentalidade coletiva. Trata-se de um povo de origem única, da raça Han, com pouquíssima miscigenação, o que fortalece a prevalência coletiva, que lhes garantiu a sobrevivência por mais de cinco milênios, em contraponto aos conflitos individuais.

3. **Visão de Mundo:** O ocidental enxerga o mundo por um prisma de causalidade linear, normalmente buscando ter o controle dos fatores e variáveis que afetam sua vida, imaginando que, assim, terá estabilidade, mesmo que os fatos mostrem o contrário, *a posteriori*. Ao olhar uma cena ou paisagem, o ocidental foca nos objetos e seus tipos. Por exemplo, em uma ilustração mostrando um galo, uma vaca e um pouco de grama, o Ocidental, via de regra, separa, de um lado, o galo e a vaca (considerando-os animais), e de outro, a grama (vegetal).

A diferença, em termos de visão de mundo do oriental, reside na percepção de que a vida se manifesta em ciclos, sendo inevitável a existência de mudanças. Para os chineses, nada é permanente, tudo está naquela condição naquele momento, podendo tornar-se outra situação na sequência. Portanto, a flexibilidade nas atitudes é uma característica fundamental para tal postura, em que vai-se adaptando às mudanças ao longo do tempo. Ao olhar uma cena, o oriental foca nas relações entre os elementos, de maneira mais ampla. No mesmo exemplo, em uma ilustração mostrando um galo, uma vaca e um pouco de grama, o Oriental, via de regra, separa, de um lado, a grama e a vaca (considerando a relação funcional da alimentação), e de outro, o galo (Nesbitt, 2003).

4. **Compreensão:** Exatamente para tentar ter condições de buscar o controle da realidade, o ocidental considera a situação de forma estática (como se tirasse uma foto da realidade), isolando fatores do contexto geral, para tentar dividi-la em partes compreensíveis (e, muitas das vezes, manipuláveis, a depender da sua postura ética). Esta característica, somada às demais, torna a postura Ocidental bastante rígida, especialmente em relação aos negócios e na Diplomacia.

Olhando a realidade como um todo, de maneira holística, o oriental percebe que as situações seguem um ritmo de ajuste dinâmico (como em um filme), e compreendem seu funcionamento. Enfatizam o fluxo dos relacionamentos e a adaptabilidade situacional. Essa postura de papéis relacionais, seguindo o Confucionismo e o Taoísmo, permite respostas eficazes aos problemas que a vida nos impõe, normalmente.

5. **Lógica:** Através da atitude racional e do uso de argumentos, o ocidental busca encarar a realidade, muitas vezes sem a flexibilidade necessária para perceber outras facetas em mutação constante, consideradas “fora da lógica”.

Por meio de um método pautado pela contradição, o oriental tem condições de perceber as diversas nuances do contexto, de maneira ampla, e conduzir o raciocínio para uma solução viável. À guisa de exemplo, o método dialético demonstra bem essa forma de se lidar com a lógica, em que uma tese (ou ideia) se apresenta, parte-se para verificar a antítese (ideia contrária) e, como resultado, busca-se a síntese, que seria uma

solução, a qual se torna a nova tese, e o processo se desenvolve e evolui, assim por diante. O raciocínio segue uma lógica contextual, mais flexível.

6. **Conhecimento:** Em função das características descritas acima, o ocidental se manifesta, em sua linguagem, enfatizando os substantivos em sintaxe de sujeito-objeto, reforçando a categorização. Conforme mencionado, divide-se o quadro observado da realidade em categorias, para se ter melhor possibilidade de controle. Na formação de crianças no Ocidente predomina o ensino dos nomes às coisas, para categorizá-las.

A partir do fluxo relacional Confuciano e Taoísta, os Línguas orientais se baseiam muito mais em verbos e significados dependentes de contexto e das relações entre os fatores. Na formação de crianças na China predomina o ensino de normas sociais e harmonia contextual, como rotinas de boa educação.

7. **Sucesso/Fracasso:** Em função das posturas, atitudes e características descritas acima, fica evidente que o ocidental, via de regra, traz para si, individualmente, todos os louros alcançados através do sucesso, e também sofre, solitário, as agruras do fracasso.

Na tradição da China, o sucesso é fruto de um esforço coletivo e, por isso, as benesses são compartilhadas pelo grupo, e, da mesma forma, o fracasso também é considerado do grupo, o qual admitirá seu prejuízo e/ou sua punição como tal. Com isso, a resiliência oriental se destaca nas atividades profissionais, acadêmicas, esportivas, dentre outras. O acolhimento no grupo é a regra geral.

As diferenças entre as formas de pensamento do ocidental e do oriental acarretam, obviamente, visões diferentes acerca das leis (por exemplo, direitos X compromissos), na ciência (princípios abstratos X ajustes pragmáticos), e até em educação (debate X consenso). A análise anterior serve de *food for thought* (provocação intelectual) para tentarmos obter um olhar mais realista de como o mente do oriental funciona e fazermos uma autocrítica a alguns princípios, valores e posturas que nós, ocidentais, temos em relação à realidade. A ideia, evidentemente, não é esgotar o assunto, mas apenas suscitar mais dúvidas ao leitor.

Cabe ressaltar que a elaboração acima acerca dessas diferenças entre os dois paradigmas segue uma visão generalizada, não podendo ser tomada como uma regra monolítica, sem exceções. Evidentemente, há que se considerar a rica diversidade intra-cultural dentro da China, com suas significativas diferenças regionais, abrindo espaço para contestação razoável do exposto. Apesar da Língua oficial e de uso generalizado na China ser o Mandarim, há 11 Línguas oficiais reconhecidas, de uso específico nas diversas Províncias.

O autor reforça, portanto, a limitação do objetivo deste trabalho, qual seja o de apenas se buscar independência em relação às atuais iniciativas de desinformação para denegrir a imagem da China, descartando o viés que tem se formado contra aquele país, com o intuito de entender melhor o lado positivo de seu planejamento estratégico através das metas da CFCH, e suas consequências globais.

## METAS DA COMUNIDADE COM FUTURO COMPARTILHADO PARA A HUMANIDADE

A *Comunidade com Futuro Compartilhado para a Humanidade* (CFCH) tem sido a visão da China para a ordem mundial do futuro desde março de 2013. Há o entendimento, por parte do governo central da China, e, em especial, sendo verbalizado em recorrentes apresentações pelo Presidente Xi Jinping, de que essa nova ordem mundial já está se concretizando, mesmo parcialmente, e que a China lidera tal processo.

A mensagem preconizada por trás do título CFCH merece ser visitada (Raditio, 2024), para que se possa entender melhor a evolução do conceito, as reações do Ocidente, e a forma com que a China vem lidando com o assunto, desde o início de sua proposição.

O ex-Presidente da China, Hu Jintao, cunhou a frase *Community of Common Destiny* (*Comunidade com Destino Comum*) em 2012. Contudo a primeira menção oficial em foro internacional, na História, foi feita pelo Presidente Xi Jinping lançando a *Community of Shared Destiny for Mankind* (ou seja, *Comunidade com Destino Compartilhado para a Humanidade*, em Chinês, 人类命运共同体, em PinYin, *renlei mingyun gongtongti*), em março de 2013 no *Moscow State Institute of International Relations*.

Como a China não queria transmitir a impressão de algo inevitável para o mundo, em 28 de setembro de 2015, em seu discurso na 70ª Assembléia Geral das Nações Unidas, o Presidente Xi Jinping ajusta a tradução para *Community of Shared Future for Mankind* (*Comunidade com Futuro Compartilhado para a Humanidade*), mesmo que o termo em Chinês, *mingyun*, tenha permanecido no original em Chinês, visto que cabem ambas as traduções, significando tanto *destino* quanto *futuro*. A ideia foi de evitar que o conceito (usando o termo *destino*) pudesse implicar em percepção externa de que haveria enorme ambição da China para liderar o mundo, o que não corresponderia à verdade e, certamente, levaria a preocupações legítimas por parte dos demais países. O termo *futuro* se coloca menos revisionista e soa mais simpático. Contudo, os documentos oficiais chineses continuaram utilizando o termo original, *mingyun*.

O ideograma 命 *ming* significa ordem, decreto, ou recompensa dos líderes aos seus subordinados, com conotações de um caminho da vida além do controle humano, que poderia, portanto, ser destino ou futuro. O ideograma 运 *yun* significa revolver, referindo-se a revolução cósmica, como as mudanças de estação ou quedas de dinastias. Em contexto individual, pode significar sorte ou azar. Quando combinados, os ideogramas podem indicar mandato, futuro e destino. Por isso, permaneceu indicando a essência do planejamento da China.

Vale ressaltar que a CFCH permaneceu como um dos elementos-chave para as políticas adotadas pelo governo central (incluído no *Pensamento de Xi Jinping sobre o Socialismo com Características Chinesas para uma Nova Era*), tendo sido incorporado expressamente à Constituição do Partido Comunista da China em outubro de 2017, e, também, à Constituição da República Popular da China em março de 2018.

Novamente, em janeiro de 2017, Xi Jinping inseriu o conceito de CFCH, expressando-o de forma clara em seu discurso perante as Nações Unidas (Escritório de Genebra). Apesar disso, em junho de 2020, no 75º aniversário das Nações Unidas, seis países (EUA, Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia, Canadá e Índia) rejeitaram a inclusão da frase *visão compartilhada de um futuro comum* na Declaração para a Comemoração de tal data. A razão foi a associação desta frase com a CFCH, preconizada pelo Pcdac e a visão global de Xi Jinping. Indubitavelmente, a influência Americana para tal rejeição foi preponderante para a atitude dos signatários.

O passo mais significativo, em termos de pragmatismo e ações concretas, foi tomado em 26 de setembro de 2023, quando o Conselho de Estado da República Popular da China emitiu o documento intitulado: *Uma Comunidade Global com Futuro Compartilhado: Propostas e Ações da China*. A partir da descrição realista da situação global atual, em que prevalecem alguns impasses na disputa por hegemonia, o documento demonstra a prevalência de instabilidade, incertezas e falta de confiança. Como causas, indica retorno de fenômenos como a mentalidade de *Guerra Fria* e *lei da selva*, confrontação ideológica e comportamento bélico hegemônico.

Para ressaltar o lado positivo que se pretende considerar para a posteridade, o documento enfatiza a interdependência existente entre as nações ao longo da História e a necessidade urgente de novas ideias para a orientação do futuro. Assim, com o intuito de preencher este vazio, a China parte para oferecer metas para a implantação da CFCH, quais sejam:

**1. Promoção do Desenvolvimento Global Equitativo:** Aborda os desequilíbrios globais, defendendo crescimento inclusivo e prosperidade compartilhada.

**Descrição:** A China enfatiza o aprendizado mútuo entre as civilizações e apoia iniciativas para unir infraestruturas e eliminar vazios econômicos, especialmente nos países em desenvolvimento. Uma das principais ações concretas é a *Belt and Road Initiative* (BRI; chamada de *Iniciativa Cinturão e Rota*, ou *Nova Rota da Seda*)<sup>3</sup>. Obviamente, a experiência de desenvolvimento da China nos últimos 70 anos serve de modelo para progresso equalitário. Desde o início dos anos 1980 até 2022, cerca de 800.000.000 de chineses foram tirados da situação abaixo da linha de pobreza, conforme o Banco Mundial (World Bank, 2022), tornando-se classe média, erradicando a miséria absoluta no país.

**2. Reforçar o Multilateralismo e a Governança Global:** Reformar os sistemas internacionais para serem mais justos e democráticos, e refletirem os interesses de todas as nações.

**Descrição:** Essa meta busca o chamado por uma ordem mundial reformulada, de maneira a priorizar o diálogo, eliminando as políticas de estilo soma-zero (*zero-sum*, em que um só ganha quando o outro perde). Os BRICS+ são um bom exemplo de ação concreta em que a China participa, com cooperação entre países nas diversas áreas, de forma saudável. O objetivo é eliminar as atitudes antagônicas que têm sido adotadas pelas potências ocidentais, apesar de estarem em franca decadência. Os principais preceitos de governança saudável a serem seguidos, preconizados pela CFCH, são abertura, igualdade, justiça, coexistência harmoniosa, diversidade, cooperação e unidade. A ideia é, inclusive, de se evitar formação de blocos exclusivistas e as práticas de tratamento-duplo inconsistente entre países-parceiros.

**3. Avanço da Sustentabilidade Ecológica:** Integrar as metas do meio-ambiente com as agendas de desenvolvimento, alinhadas às ações relativas ao clima global.

**Descrição:** Apesar dessa meta não estar explícita no documento da CFCH, os esforços são claramente envidados em vários eventos relacionados à questão do clima global, em que a China adota atitude inequívoca de apoio à reabilitação do meio-ambiente calcada na ciência, e devendo ser mensurável. As metas de neutralidade de carbono da China, também, fazem parte do foco declarado, de maneira cristalina, em prol do desenvolvimento sustentável. Há que se lembrar que a China é, hoje (Ano-base: 2025), o maior produtor de energia fotovoltaica e termo-solar, tendo atingido 1.000 gigawatt (um terawatt, TW), com um terço do total de painéis solares do Planeta produzidos e instalados no país. Em termos de energia eólica, espera-se que a China atinja a geração de 1,482 TW já em 2025, sendo 41,7 TW em geração *offshore* (no mar). Apenas como ilustração, para complementar, a liderança da China em termos de veículos elétricos é incontestável, tendo atingido 7,2 milhões de carros elétricos vendidos em 2025, até junho. Desde 1997, quando foi adotado o Protocolo de Kyoto para combater as mudanças climáticas, a China tem tido participação ativa, com entusiasmo e liderança, em todos os eventos de apoio. Até hoje, o único país do Planeta que não ratificou sua assinatura em tal acordo foram os EUA.

**4. Promoção de Intercâmbio Cultural e Aprendizado Mútuo:** Fazer oposição à hegemonia cultural por meio de promoção da diversidade e do diálogo intercultural.

**Descrição:** A proposta da CFCH inclui como um dos seus principais pilares a discussão sobre o intercâmbio e o aprendizado mútuo entre as civilizações. A meta é reduzir as diferenças ideológicas através de intercâmbio acadêmico e entre os povos. O incentivo às instituições acadêmicas dentro da China pode ser plenamente validado pela ascensão de posições das universidades Chinesas no ranking internacional, nos últimos anos. Um outro exemplo, considerando o Brasil: Percebe-se, também, substancial diferença entre o evidente imperialismo cultural dos EUA e o foco da China, muito mais voltado para investimentos e comér-

cio, sem qualquer tentativa de imposição de valores culturais, seja na música, cinema, outras artes, vestimenta, culinária, Língua, etc. A única iniciativa para divulgação da cultura dos Chineses no Brasil foi o recente estabelecimento de algumas unidades do Instituto Confúcio, com atitude sempre muito positiva, enfatizando a harmonia como traço-chave da cultura e História da China.

**5. Melhoria da Cooperação para a Segurança:** Construir um projeto de segurança baseado em interesses compartilhados, em lugar de confrontação de blocos de países.

**Descrição:** A estrutura projetada nesta meta defende a solução de conflitos através da diplomacia e de plataformas multilaterais. O que o objetivo indica é que seja feita por meio de mecanismos com um enfoque do tipo *relacionamentos multi-bilaterais*. Esse tópico carece de maior detalhamento, mas a direção está bem clara. Para verificar a postura da China acerca desse aspecto, basta notar como ela conduz sua relação com os países *banidos* pelas grandes potências ocidentais quando são usadas sanções e punições unilaterais, muitas vezes injustificadas. As atitudes dentro do Conselho de Segurança da ONU também refletem o reforço à meta de cooperação para a segurança que seja a melhor para todos.

Complementando as metas, o documento das *Propostas e Ações da China*, relativo à CFCH inclui conceitos que já vêm sendo aplicados de forma pragmática nas políticas domésticas e internacionais da China, tais como: *Great Harmony* 大同 (Harmonia Ampla), que insere a justiça para o bem comum no próprio conceito da CFCH; *Global Development Initiative* – GDI (Iniciativa de Desenvolvimento Global); *Global Civilization Initiative* – GCI (Iniciativa para a Civilização Global); *Global Security Initiative* – GSI (Iniciativa para a Segurança Global); além da citada BRI. Pressupõe-se a aceitação do conceito de *Harmonia Global* chinês por parte das demais culturas, por meio da compatibilidade entre todos.

Ademais, a China se posiciona contra os esforços de alijar países em desenvolvimento das conquistas tecnológicas, como tem sido feito pelas potências hegemônicas atuais, em fase de plena decadência. Um dos exemplos mais claros é o fato da China incentivar lançamentos de *Inteligência Artificial* – IA abertas, sem custo para os usuários, por vezes mais atualizadas e mais avançadas do que as do Ocidente. A ideia é exigir a democratização das relações internacionais, permitindo mais voz ativa aos países menos desenvolvidos, com o estabelecimento de uma governança global mais efetiva e justa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desse autor de ter vivido em Beijing por quase três anos (1986-1988), tendo presenciado a pobreza daquela época, em contraste com os 11 anos residindo em Guangzhou (2008-2019), experimentando uma abundância generalizada, com crescimento exponencial até os dias de hoje, não deixa dúvidas de que existe uma forma construtiva e inclusiva de governar, disponível para a humanidade. Ter trabalhado como Professor de Planejamento Estratégico na GDUT (em Guangzhou) e continuar a contribuir para os *Think Tanks* de Universidades da China escrevendo sobre Relações Internacionais, além do honroso privilégio, acarreta quase que uma obrigação de se esforçar para esclarecer os que estiverem interessados e disponíveis para descobrir a verdadeira realidade atual daquele lado do Planeta.

Seria arrogância intelectual tentar esgotar os temas apresentados acima, face à riqueza e profundidade dos conceitos e da visão milenar do Oriente. Portanto, o que se pretendeu nesse trabalho foi apenas mostrar as diferenças básicas entre os paradigmas apresentadas, na busca do objetivo de se propor um enfoque mais realista acerca da China de hoje e do futuro, permeado pela sua influência global. Sem pensarmos *fora da*

*caixinha*, não se percebem as nuances da proposta da CFCH, não se consegue entender as suas metas e como elas podem ajudar a moldar o futuro global. Importa nos libertarmos da manipulação da desinformação na mídia atual, que distorce negativamente a essência ética da CFCH.

Em uma luta permanente para conviver com a atual política caótica, instável, que chega a ser cruel, da potência decadente do Ocidente, e conseguir sobreviver, já é uma vitória dos esforços da China em direção a um mundo mais equalitário, construtivo e inclusivo. A viabilidade, ou não, da concretização das metas da CFCH dependerão muito das atitudes dos demais agentes internacionais, especialmente dos outros países desenvolvidos, como os da UE, os ricos produtores de petróleo do Oriente Médio, o Japão e a Coreia do Sul, a Austrália e o Canadá, os mais desenvolvidos do Sudeste Asiático (como Cingapura, por exemplo), dentre outros. A atitude dos membros do BRICS+ também será relevante, bem como a do Brasil, como maior país da América Latina, mesmo sem a unidade que seria essencial do MERCOSUL, lamentavelmente. Enfim, não depende apenas da China para que a CFCH se torne uma realidade no futuro.

Análises mais específicas por grupos de países e suas especificidades em relação a cada meta traçada na CFCH mereceriam estudos complementares para aprofundar melhor o enfoque apresentado nesse trabalho, pelo lado otimista e construtivo. Mesmo com as atuais crises multi-dimensionais sendo acarretadas pelo esforço hercúleo da potência Ocidental para se manter hegemônica (que provavelmente provará ser inútil no médio prazo), cabe manter a disposição, em uníssono com a China, de se buscar construir uma comunidade harmônica global. Importa continuar defendendo temas como igualdade, justiça, diversidade, cooperação, unidade e harmonia, buscando a coesão que se pode observar na China, para seguir sua ética ilibada e influenciar positivamente o Planeta. É tudo uma questão de escolha e prioridade, com lucidez e discernimento!

## NOTAS

1. Sobre **A Arte da Paz**: Conforme o autor britânico, Philip Dunn, que passou por treinamento e residiu no Tibet alguns anos, tomando por bases preceitos do Tao e das artes marciais chinesas e tibetanas, na verdade, o livro de Sun Tzu deveria ter sido traduzido como *A Arte da Paz* (Dunn, 2003, p. 4): “A guerra é um ato aleatório de destruição, enquanto a paz é um processo muito mais complexo de sustentação através de ação e inteligência”. O uso da versão traduzida como *A Arte da Guerra*, de Sun-Tzu, se presta a táticas e estratégias voltadas à manipulação, dominação e destruição. Pode-se considerar a hipótese de se ter confundido os sons dos caracteres, *bing* (兵 guerra, arma, soldado) e *ping* (平 paz, liso, “sem marolas”), aliada a uma postura bélica do tradutor original.

2. Sobre **Heráclito**: É muito importante citar que um dos mais profícuos filósofos gregos, dentre os chamados pré-Socráticos, Heráclito, ficou conhecido por suas formulações paradoxicas e foco em mudança, fluxo e a unidade dos opostos. Estes conceitos do seu pensamento o colocaria em sintonia quase perfeita com os preceitos do Tao, de Lao Tzu, e de Confúcio, e não na linha dos demais gregos. Dentre os argumentos mais importantes de Heráclito estão: Tudo está em fluxo e em movimento perpétuo, a estabilidade é uma ilusão, os opostos são interdependentes e definem-se mutuamente, a verdade depende do contexto, a verdadeira compreensão pressupõe entender a harmonia oculta do Logos (Lei do universo) (Graham, 2023). Em suma, esse autor faz a ressalva de que esse trabalho limita-se a focar nas origens gregas do pensamento do Ocidente para fins didáticos, fazendo assim uma significativa exceção às contribuições de Heráclito.

3. Sobre a **BRI**: *A Nova Rota da Seda (Belt and Road Initiative – BRI)* foi proposta, originalmente, em 2013, visando maior cooperação entre os países situados ao longo da antiga Rota da Seda, aliados àqueles em rotas marítimas, também relacionadas. Há um substancial desenvolvimento, intercâmbio e incentivo aos investimentos nos países participantes, especialmente em setores econômicos e comerciais, como infraestrutura, logística, tecnologia, energia, dentre outros. As prioridades do governo Chinês incluem empréstimos a juros muito competitivos para este desenvolvimento; conectivi-

dade ao longo dos países (ferrovias, estradas, pontes, portos, armazéns, energia, etc.); diminuição de barreiras tarifárias, diminuindo obstáculos ao comércio; integração financeira; e incentivo para conexão entre as populações dos países envolvidos. Há, atualmente (Ano-base: 2025), 150 países, espalhados por todos os continentes, signatários de Acordos com a China (*Memorandum of Understanding – MOU*), participantes da BRI. O total investido pela China nesses países, desde 2013, atingiu USD1,175 Trilhões (dados de 2024), em infraestrutura, tecnologia, energia sustentável, mineração, ferrovias, estradas, portos e outros (Green FDC, 2025).

## REFERÊNCIAS

DUNN, Philip; **The Art of Peace – Balance Over Conflict in Sun-Tzu’s “The Art of War”**; New York; Jeremy P. Tharcher/Putnam; 2003; página 3; tradução: **A Arte da Paz – Equilíbrio e Conflito em “A Arte da Guerra” de Sun-Tzu**, São Paulo, Ed. Planeta, 2003.

GRAHAM, Daniel W.; **Heraclitus**; *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*; Winter 2023 Ed.; Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.); URL = <https://plato.stanford.edu/archives/win2023/entries/heraclitus/>; access 13/jul/2025.

GREEN FINANCE & DEVELOPMENT CENTER, FIFS Fudan University; **BRI 2024 Database, Countries of the BRI**; URL = <https://greenfdc.org/china-belt-and-road-initiative-bri-investment-report-2024/> e <https://greenfdc.org/countries-of-the-belt-and-road-initiative-bri/>; access 14/jul/2025.

JACQUES, Martin; **When China Rules the World**; 2<sup>nd</sup> Ed.; London; Penguin Books; 2012; página 17.

NISBETT, Richard E.; **The Geography of Thought**; Finland; WS Bookwell; 2003; página xiii.

RADITIO, Klaus Heinrich; **Deciphering Xi Jinping’s Community of Shared Future for Mankind**; E-International Relations; 09/set/2024; páginas 1 e 2, URL = [www.e-ir.info/2024/09/09/deciphering-xi-jinpings-community-of-shared-future-for-mankind/](http://www.e-ir.info/2024/09/09/deciphering-xi-jinpings-community-of-shared-future-for-mankind/); access 13/jul/2025.

WORLD BANK GROUP; Four Decades of Poverty Reduction in China; **Lifting 800 Million People Out of Poverty – New Report Looks at Lessons from China’s Experience**; 01/abr/2022; URL = <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2022/04/01/lifting-800-million-people-out-of-poverty-new-report-looks-at-lessons-from-china-s-experience>; access 14/jul/2025.

